

História das Ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico.

History of Ideas: approaches on a historiographical field.

Ricardo Oliveira da Silva*

Resumo: O artigo apresenta uma breve visão panorâmica sobre o debate epistêmico ocorrido no domínio historiográfico conhecido como História das Ideias ao longo do século XX. Para isto destacamos a proposta das “ideias-unidade” de Arthur Lovejoy, o “contextualismo linguístico” de Quentin Skinner e a “abordagem dialógica” de Dominick LaCapra. Cada uma destas abordagens contribuiu para enriquecer a reflexão teórica e metodológica e tornar a História das Ideias uma área de conhecimento profícua para o desenvolvimento da pesquisa histórica.

Palavras-chave: História das Ideias. Teoria. Metodologia.

Abstract: The article presents a brief overview about the epistemic debate at the historiographical domain known as the History of Ideas during the twentieth century. For this we highlight the proposal of "unit-ideas" Arthur Lovejoy, the "linguistic contextualism" Quentin Skinner and the "dialogical approach" Dominick LaCapra. Each of these approaches has contributed to enrich the theoretical and methodological reflection and make the History of Ideas a fruitful area of expertise for the development of historical research.

Keywords: History of Ideas. Theory. Methodology.

A pesquisa histórica sobre as ideias e o pensamento conheceu no século XX distintas abordagens teóricas e metodológicas, as quais fizeram parte de um debate mais amplo em torno da busca de uma definição sobre o que seria a história das ideias enquanto domínio específico de produção do conhecimento histórico por parte dos historiadores.

Com o objetivo de apresentar um panorama sobre o debate epistêmico desenvolvido no domínio da história das ideias no decorrer do século XX nós dividimos o presente artigo em três tópicos: no primeiro, destacamos a abordagem

* Doutor em História pela UFRGS. Professor Adjunto de História na UFMS, lotado no Campus de Nova Andradina/MS. Endereço eletrônico: ricardorussell@gmail.com

apresentada nos anos 1930 por Arthur Lovejoy em torno das “ideias-unidade”; no segundo, a proposta dos anos 1960/1970 do “contextualismo linguístico” de Quentin Skinner; no terceiro, a “abordagem dialógica” dos anos 1970/1980 desenvolvida por Dominick LaCapra.

A História das Ideias de Arthur Lovejoy

Ao longo do século XX o domínio historiográfico conhecido como História das Ideias e/ou História Intelectual¹ foi palco de discussões em torno da definição sobre o que seriam as “ideias” enquanto objeto de estudo e as possibilidades de abordá-la teórica e metodologicamente. Antes de prosseguirmos com esta reflexão, consideramos oportuno destacarmos duas leituras sobre a relação das “ideias” com a história: uma primeira, como proposição ontológica, que afirma a existência “real” das ideias na história no sentido de matéria do conhecimento histórico, e uma segunda, como proposição epistemológica, que realça a validade de certo tipo de conhecimento histórico no qual as ideias constituem seu objeto de estudo. A primeira proposição conduziu à elaboração de histórias baseadas na premissa de que as ideias “se apresentam/desenvolvem na história de maneira independente ou autônoma em relação às demais regiões ou instâncias do real” (FALCON, 1998, p. 92). A segunda proposição contribuiu para o desenvolvimento do que denominamos como história das ideias.

Para analisarmos as ideias e/ou pensamento enquanto proposição epistemológica, acreditamos ser importante ressaltar uma definição sobre o que entendemos como “ideia”. Um conceito tradicional propunha a ideia como sendo uma interpretação representacional e imagética de um objeto ou fato, como o legado pela via cartesiana, que defendia que no ser humano o sentido forneceria a existência do corpo, mas a razão evidenciaria a certeza do *cogito* por meio da transformação da “realidade do mundo exterior” em ideias dessa “realidade”. A operação de converter as coisas em objeto seria a representação, cujo suporte, o sujeito, seria precisamente o *cogito* (ABRÃO, 1999). No entanto, o cerne da tradição cartesiana viu-se abalado no

¹ Francisco Falcon nos chama atenção para a preferência atual pelo termo *História Intelectual* por parte dos historiadores das ideias para frisar a relação do estudo das ideias com o social, distinta de uma abordagem que pensaria o estudo das ideias sem uma relação com o contexto de produção, denominada de *História das Ideias*, e com forte tradição na historiografia norte-americana. Para os fins de nosso estudo, contudo, utilizaremos os termos como sinônimo e referente ao mesmo domínio historiográfico, uma vez que compreendemos essa distinção como um recurso heurístico para se pensar os fundamentos da história das ideias (FALCON, 1998).

século XX pelas reflexões sobre a linguagem, as quais demonstraram, como no caso dos estudos de Wittgenstein, que a linguagem seria uma atividade realizada em diversos contextos de ação que só poderiam ser compreendidos no horizonte contextual de um “jogo de linguagem”: “o termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 18). Estas reflexões contribuíram para se pensar no caso da história das ideias “como as ideias significam, se articulam umas às outras, são transmitidas ou recebidas’, tudo isto no âmbito de um processo mais geral que é o ‘da produção do sentido’” (FALCON, 1998, p. 94).

No caso da historiografia norte-americana do começo do século XX, a discussão em torno dos pressupostos teóricos e metodológicos que seriam próprios da área da história das ideias levou em consideração uma interpretação que pressupunha a existência das ideias sem uma relação direta com os contextos sociais de produção. Uma referência deste tipo de abordagem nós encontramos no trabalho de Arthur Lovejoy, o qual ajudou a abrir espaço teórico e institucional para a história das ideias no interior da historiografia produzida nos EUA a partir dos anos 1930. Arthur Lovejoy foi o fundador do *Journal of the History of Ideas* em 1940, importante periódico na divulgação dos trabalhos sobre história das ideias. Antes disso, em 1923, Arthur Lovejoy já havia agrupado em torno de si uma Sociedade de História das Ideias na Universidade John Hopkins. Esta Sociedade se propôs estudar a influência das concepções filosóficas, das convicções éticas e das formas estéticas na literatura ocidental, “en conexión con las tendencias similares que se pueden localizar en la historia de la filosofía, de las ciencias y los movimientos políticos y sociales” (DOSSE, 2006, p. 182).

Uma obra de referência para conhecermos o trabalho de Arthur Lovejoy é o livro *A grande cadeia do ser*, publicado em 1936 como coletânea de um conjunto de conferências proferidas entre 1932/1933. Neste livro Arthur Lovejoy afirmou que entendia a área da história das ideias como algo mais específico que a história da filosofia e cujo procedimento inicial em termos de pesquisa seria de certo modo análogo ao da química analítica: “ao lidar com a história das doutrinas filosóficas, por exemplo, a história das ideias interfere nos rígidos sistemas individuais e, [...], desmembra-os em seus elementos componentes, naquilo que pode ser chamado de ideias-unidade” (LOVEJOY, 2005, p. 13).

As “ideias-unidade” são a chave para compreendermos aquilo que Arthur Lovejoy considerava ser o objeto primordial de estudo por parte do historiador das ideias. Segundo Lovejoy, apesar da aparente variedade de ideias filosóficas ao longo da história, o seu número seria limitado. Para elucidar esta colocação este historiador apresentou o fato de que inúmeros pensadores teriam tentado ao longo do tempo escrever histórias relativas à ideia de Deus. Contudo, a ideia de Deus não poderia ser qualificada como uma ideia-unidade. Sob qualquer uma das crenças relativas a Deus, haveria algo mais elementar e esclarecedor. O Deus de Aristóteles, por exemplo, seria referência a sua concepção de ser, o motor imóvel. Neste caso, “devia ser à ideia precedente, [...], que o historiador das ideias devia aplicar seu método de investigação. É nos fatores dinâmicos persistentes, as ideias que produzem efeitos na história do pensamento, que ele está especialmente interessado” (LOVEJOY, 2005, p. 15).

Os elementos que comporiam as unidades dinâmicas das ideias foram apresentados por Lovejoy com base em modelos. Um primeiro caso seriam os hábitos mentais mais ou menos inconscientes operando no pensamento de um indivíduo ou de uma geração:

São as crenças que são tão habituais que são mais tacitamente pressupostas do que formalmente expressas e discutidas, as maneiras de pensar que parecem tão naturais e inevitáveis que não são perscrutadas com o olho da autoconsciência lógica, que com frequência são mais decisivas do caráter da doutrina de um filósofo, e ainda mais frequentes das tendências intelectuais dominantes de uma época. [...] Os representantes do Iluminismo dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, se caracterizariam manifestamente de certo modo peculiar pela presunção da simplicidade. Embora houvesse numerosas e poderosas ideias em voga trabalhando em direção oposta, aquela foi, apesar disso, em grande medida uma época de *esprits simplistes* (LOVEJOY, 2005, p. 17).

Outro modelo poderia ser descrito como as diversas espécies de *pathos* metafísico, o qual poderia ser exemplificado em qualquer descrição da natureza das coisas e com influência na determinação das modas filosóficas e tendências especulativas no pensamento filosófico. Um exemplo seria o *pathos* eternalista, “o prazer estético que nos é dado pela mera ideia abstrata da imutabilidade” (LOVEJOY, 2005, p. 21).

A partir destas descrições Arthur Lovejoy concluiu que o tipo de “ideia” objeto do historiador das ideias consistiria em uma proposição específica simples

enunciada pelos primeiros filósofos europeus, junto com algumas proposições posteriores que foram seus corolários e que seria uma tentativa de resposta a uma questão filosófica que era natural o homem fazer, o qual Lovejoy denominou como “a grande cadeia do ser”.

Arthur Lovejoy também ressaltou que todo historiador das ideias, após identificar a ideia-unidade, deveria rastreá-la em todas as áreas de conhecimento na qual ela figurasse com qualquer grau de importância, fosse à filosofia, ciência, literatura, arte, religião ou política. O postulado de tal estudo seria que a operação de uma dada concepção, “precisa ser rastreada conjuntamente por meio de todas as fases da vida reflexiva do homem em que essas operações se manifestem ou por meio de tantas dessas fases quantas permitam os recursos do historiador” (LOVEJOY, 2005, p. 24).

Outro procedimento para realização da pesquisa do historiador das ideias seria identificar às manifestações de ideias-unidade no pensamento coletivo de grandes grupos de pessoas, e não apenas nas doutrinas ou opiniões de um pequeno número de pensadores profundos ou escritores eminentes. Para Arthur Lovejoy, o historiador das ideias deveria estar mais interessado “em ideias que alcançam uma ampla difusão, que se tornam parte do acervo de muitas mentes” (LOVEJOY, 2005, p. 28).

Um último ponto que gostaríamos de destacar diz respeito à advertência que Arthur Lovejoy fez de que a tarefa do historiador das ideias fosse aplicar seu método analítico na tentativa de entender como novas crenças e modismos intelectuais seriam apresentados e difundidos:

Para ajudar a elucidar o caráter psicológico dos processos pelos quais se dão as mudanças na voga e influência das ideias; para esclarecer, se possível, como concepções dominantes, ou extensamente predominantes, em uma geração perdem seu domínio sobre a mente dos homens e dão lugar a outras. Para esse ramo da interpretação histórica, tão amplo, difícil e importante, o método de estudo do qual estou falando pode ser apenas uma contribuição dentre tantas (LOVEJOY, 2005, p. 28-29).

A abordagem de Arthur Lovejoy teve o mérito de definir um domínio para a história das ideias com objeto, programa, método e lugar institucional próprios na historiografia norte-americana a partir da década de 1930. No entanto, a proposta de Arthur Lovejoy, que teve proeminência nos EUA entre as décadas de 1940 e 1950,

acabaria sendo acusada de ter colaborado para um entendimento sobre a produção das ideias e do pensamento dissociado de um contexto social específico (BARROS, 2008).

Para François Dosse, “la concepción de la historia de las ideas preconizada por Lovejoy es explícitamente idealista, según un principio de plenitud que há informado, en su opinión, el pensamiento occidental durante una larga duración desde Platón” (DOSSE, 2006, p. 182). Neste propósito, a tarefa do historiador das ideias seria localizar e apresentar novamente as configurações ideais presentes na história do pensamento ao longo dos séculos. Ainda de acordo com François Dosse, Lovejoy teria defendido uma concepção imanentista da história das ideias, mas teria tido a vantagem de abrir “un amplio espectro de investigaciones y de no limitarse al estudio de los grandes pensadores reconocidos, poniendo en cuestión la manera como estas ideas-fuerza funcionan en unas entidades sociales más amplias” (DOSSE, 2006, p. 183).

Francisco Falcon ressalta que nos anos 1960/1970 a histórias das ideias renovou-se e consolidou-se em função das novas tendências que se fizeram presentes na historiografia ocidental. Por um lado, surgiram abordagens e/ou tendências historiográficas que trabalhavam com algum tipo de pressuposto “a respeito das relações, entendidas neste caso como reais e necessárias, entre o universo das ideias – dito *intelectual* – e o universo do mundo social – *a sociedade*” (FALCON, 1998, p. 114). Por outro lado, apareceram abordagens e/ou tendências que rejeitaram explicitamente, ou ignoraram na prática, o pressuposto anterior e passaram a trabalhar as ideias exclusivamente “em função do seu suporte textual, como *discurso* ou *mensagem*, a partir de pressupostos linguísticos, hermenêuticos ou literários” (FALCON, 1998, p. 114).

No caso da História das Ideias, tivemos críticas à concepção teórica e metodológica desenvolvida por Arthur Lovejoy. Uma das críticas foi apresentada pelo historiador inglês Quentin Skinner, o qual procurou rearticular a relação entre ideias e contexto de produção com base em uma reflexão epistêmica que procurou ser um novo fundamento para se pensar uma identidade para a história das ideias. Trata-se do contextualismo linguístico.

A História das Ideias de Quentin Skinner

Nos anos 1960/1970 o domínio da história das ideias passou por um processo de revitalização na reflexão epistemológica que procurou oferecer novos fundamentos para essa área do conhecimento histórico. Para exemplificar esse novo momento nós destacaremos o caso da chamada “Escola de Cambridge”. Os principais representantes da Escola de Cambridge foram os historiadores Quentin Skinner, John Pocock e John Dunn. A partir da intersecção da filosofia, da história, da ciência política e da linguística, esta Escola procurou abrir um campo de reflexão para uma história das ideias fortemente contextualizada e atenta à singularidade das situações históricas onde as ideias e os pensamentos são produzidos. Conforme François Dosse, a principal fonte de inspiração desta corrente de historiadores foi a reflexão linguística realizada pelos filósofos de Cambridge nos anos 1950 e pela teoria dos atos de fala² desenvolvida contemporaneamente em Oxford, “privilegiando uma linguística de la enunciación estrechamente tributaria de las variaciones contextuales” (DOSSE, 2006, p. 213).

Os historiadores da Escola de Cambridge proporcionaram uma renovação nos estudos sobre o pensamento político e da história intelectual, em especial na colocação de que os historiadores deveriam prestar mais atenção à função, ao contexto e a aplicação das linguagens conceituais encontradas em sociedades particulares em momentos específicos. Empregando essa abordagem os historiadores de Cambridge argumentaram que “o estudo atento da linguagem conceitual permite ao historiador compreender que os homens só são capazes de fazer o que a linguagem os possibilita pensar ou dizer” (SOUZA, 2008, p. 13). Com o objetivo de explicitar alguns dos pressupostos desta Escola e sua contribuição para a reflexão no campo da história das ideias ressaltamos o tema do contextualismo linguístico na obra de Quentin Skinner.

O texto *Significado e compreensão na historia das ideias*, da autoria de Quentin Skinner, foi publicado originalmente em 1969 em *History and Theory*. Neste trabalho nós encontramos uma crítica do historiador inglês à concepção que se tinha da história das ideias como área de pesquisa onde o seu objeto, as ideias/pensamentos, estariam desvinculadas de qualquer situação contextual,

² A teoria dos Atos de Fala possui em John Austin e John Searle importantes referências e foi desenvolvida com o objetivo de esclarecer a tese de Wittgenstein de que a significação das expressões linguísticas consistiria em seu uso. Os atos de fala seriam os seguintes: a) ato locucionário como o ato de dizer; b) ato ilocucionário como aquilo que fazemos ao dizer; c) ato perlocucionário como aquilo que provocamos pelo fato de dizer; (OLIVEIRA, 2006).

acompanhado da defesa do procedimento de pesquisa denominado contextualismo linguístico.

Nas páginas iniciais deste trabalho Quentin Skinner colocou a indagação sobre quais seriam os melhores procedimentos que o historiador das ideias deveria adotar para analisar uma obra na condição de objeto histórico. Segundo este historiador, tinha força entre os historiadores das ideias duas respostas ortodoxas. Uma delas insistia que o contexto dos fatores religiosos, políticos e econômicos determinaria o sentido de qualquer texto dado. Uma segunda resposta daria ênfase ao enfoque internalista, ou seja, um procedimento metodológico que realçava o texto como aquilo que deveria constituir o objeto autossuficiente de investigação e compreensão:

En sí mismo, este enfoque está logicamente conectado, no menos en la historia de las ideas que en los estudios más estrictamente literarios, con una forma particular de justificación de la realización del propio estudio. Según se sostiene de manera característica, todo el sentido de estudiar obras filosóficas (o literarias) pasadas debe radicar en que contienen (es una de las expresiones predilectas) “elementos intemporales” en la forma de “ideas universales”, e incluso una “sabiduría sin tiempo” con “aplicación universal” (SKINNER, 2000, p. 150).

Os chamados “textos clássicos” seriam o alvo privilegiado por parte dos historiadores das ideias adeptos do enfoque internalista, pois através do estudo desse tipo de material se poderia recuperar as “perguntas e respostas intemporais” formuladas apenas nos “grandes textos”. A crença de que caberia esperar que cada um dos autores clássicos explica-se um conjunto específico de “conceitos fundamentais” ou “interesses perenes” parecia ser “la fuente básica de las confusiones generadas por este enfoque del estudio de la historia de las ideas literarias o filosóficas” (SKINNER, 2000, p. 151). Estas confusões foram denominadas por Skinner como mitologias.

Um dos casos de mitologia ocorria quando o historiador das ideias era movido pela expectativa em comprovar que cada autor clássico havia enunciado alguma doutrina sobre cada um dos tópicos julgado como constitutivo de sua matéria. Este seria um passo perigoso que poderia levá-lo a querer encontrar as doutrinas de um dado autor em todos os temas que ele escreveu: “el resultado [...] es un tipo de discusión que podría calificarse como ‘mitología de las doctrinas’” (SKINNER, 2000,

p. 153). Uma das derivações deste tipo de mitologia teria tido em Arthur Lovejoy um pioneiro, o qual defendeu a necessidade de “rastrear la morfologia de alguna doctrina dada ‘a través de todas las esferas de la historia en que aparece” (SKINNER, 2000, p. 155).

Um segundo tipo de mitologia apontada por Quentin Skinner aconteceria quando determinado autor clássico não fosse de todo consistente e inclusive se omitisse em dar uma descrição sistemática de suas crenças. Se o paradigma básico para a realização da investigação histórica fosse concebido como a elaboração das doutrinas de cada autor clássico sobre cada um dos temas mais característicos do seu pensamento, “será peligrosamente fácil para el historiador imaginar que su tarea es dar a cada uno de esos textos o encontrar en ellos la coherencia de la que tal vez parezcan carecer” (SKINNER, 2000, p. 160). Este perigo se veria exacerbado pela tentação em apresentar uma “mensagem” que poderia ser abstraída da obra do autor e comunicada com maior facilidade. O resultado inevitável “seguirá siendo una forma de escritura que podría calificarse como la mitologia de la coherencia” (SKINNER, 2000, p. 160).

Para Quentin Skinner, as mitologias derivariam do fato do historiador das ideias, ao abordar a obra de um autor, considerar se mover por alguma percepção das características definidoras desta disciplina. Ao considerar que significado poderia ter para nós o argumento de algum texto clássico, por exemplo, poderia acontecer de o historiador descrever a obra e os supostos significados contidos nela de tal maneira que não deixasse espaço para análise do que o autor queria dizer. O resultado desta confusão seria um tipo de discussão qualificada por Skinner como mitologia da prolepsis:

Tales confusiones surgen muy rapidamente, desde luego, cuando el historiador está más interesado [...] en la significación retrospectiva de una obra o acción históricas dadas que en su significado para el próprio agente. [...] En síntesis, la característica de la mitología de la prolepsis es la fusión de la necesaria asimetría entre la significación que en observador puede justificadamente afirmar encontrar en un enunciado determinado u outra acción, y el significado de esa misma acción (SKINNER, 2000, p. 166).

Segundo Quentin Skinner, o fato do estudo das doutrinas poder gerar mitologias não significaria que as mesmas não pudessem ser evitadas. Para isto, se deveria questionar a propriedade conceitual de tratar o sistema de pensamento de um

autor contido em uma obra como um objeto autossuficiente de investigação e de compreensão. O necessário seria desenvolver um enfoque que reconhecesse que as ideias constituiriam uma resposta dada a circunstâncias mais imediatas e, em consequência, “que no debemos estudiar los textos en sí mismos sino más bien ‘el contexto de otros sucesos que los *explican*’ (SKINNER, 2000, p. 180). Isto representaria uma metodologia alternativa para o estudo das ideias: “un conocimiento del contexto social de un texto dado parece por lo menos brindar una ayuda considerable para evitar las mitologías anacrónicas que traté de anatomizar” (SKINNER, 2000, p. 180). O estudo do contexto em que o autor escreveu sua obra poderia contribuir para revelar o que o texto quis dizer. Na referência ao estudo sobre “atos de fala” o historiador Quentin Skinner afirmou que “la comprensión de enunciados presupone apreender, no sólo el significado de la manifestación en cuestión, sino también lo que él calificaba como su fuerza ilocucionaria prevista” (SKINNER, 2000, p. 185).

Neste momento chegamos a um ponto importante do trabalho de Quentin Skinner, sintomático para entendermos sua proposta de pesquisa para o domínio da história das ideias. Para o historiador inglês, a compreensão dos textos pressupunha a apreensão do que pretendiam significar e como se pretendia que se tomassem seus significados: “de ello se sigue que entender un texto debe ser entender tanto la intención de ser entendido como la de que esta intención se entienda, que el texto mismo como acto deliberado de comunicación debe al menos encarnar” (SKINNER, 2000, p. 187). Ou seja, se deveria procurar entender o que o seu autor quis comunicar na prática por meio da enunciação do enunciado em particular contido na obra. Com isto:

El objetivo esencial, em cualquier intento de comprender los enunciados mismos, debe consistir en recuperar esa intención compleja del autor. Y de ello se sigue que la metodología apropiada para la historia de las ideas debe consagrarse, ante todo, a bosquejar toda la gama de comunicaciones que podrían haberse efectuado convencionalmente en la oportunidad en cuestión a través de la enunciación del enunciado dado y, luego, a descubrir las relaciones entre éste y ese contexto *lingüístico* más amplio como un medio de decodificar la verdadera intención del autor (SKINNER, 2000, p. 188).

Pela citação acima fica posto que uma metodologia para a história das ideias deveria estar focada na busca da intenção autoral do escritor contido na obra por meio do estudo do universo linguístico na qual ele estava imerso no momento que escreveu.

Outro desdobramento desta metodologia se refere ao fato de que o historiador das ideias deveria abandonar qualquer perspectiva de estudo de uma obra em termos de busca de “problemas perenes” ou “verdades universais”. Ao contrário, qualquer enunciado seria a encarnação de uma intenção particular, “en una oportunidade particular, dirigida a la solución de un problema particular, por lo que es específico de su situación de una forma que sería una ingenuidad tratar de transcender” (SKINNER, 2000, p. 189). Esta abordagem seria um novo fundamento para a história das ideias.

Para David Harlan a reflexão de Quentin Skinner significou uma das mais influentes tentativas metodológicas de reconstrução da história intelectual, a ponto de se pensar em uma “nova ortodoxia” entre os historiadores das ideias. Uma ortodoxia que teria sido erigida com base em dois alicerces. O primeiro estaria em torno do reconhecimento de que os avanços em filosofia da linguagem e em filosofia da ciência, exemplificado nos trabalhos de Willard Quine, Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, minaram a possibilidade de construção de qualquer conhecimento independente ou anterior à interpretação. O segundo estaria na utilização de uma hermenêutica essencialmente romântica cujo objetivo seria a recuperação da intenção autoral do autor.

Contudo, David Harlan não isentou de crítica o trabalho de Quentin Skinner. Com base nos pressupostos de autores pós-estruturalistas, como Derrida, Michel Foucault e Paul de Man, David Harlan afirmou que a linguagem “é um sistema autônomo que constitui mais do que reflete; é um mecanismo de auto-transformações não intencionais e autonotificações irrestritas, e não um conjunto de significados estáveis e referências externas” (HARLAN, 2000, p. 21-22). Skinner, porém, teria pensado a linguagem como fala, ao invés de escrita, utilizando a teoria dos atos de fala de Austin e procurando, com isso, defender os seguintes objetivos: que os significados dos textos seriam ancorados em situações históricas específicas; que a linguagem possuiria uma natureza transparente e, portanto, objetiva ao olhar do historiador; resgatar os autores do esquecimento que o textualismo dos pós-

estruturalistas colocaria; e, por fim, “reinstalaria a intenção autoral como primeira preocupação dos historiadores” (HARLAN, 2000, p. 24). No entanto, para David Harlan o texto produziria um duplo eclipse de leitor e escritor e, uma vez que o texto se encontrasse liberado da referência autoral, ele também estaria liberado da intenção autoral: “dessa maneira o autor se desvanece, suas intenções desaparecem, e o texto começa a oferecer possibilidades que seu autor pode jamais sequer ter imaginado” (HARLAN, 2000, p. 25).

Elías José Palti também teceu críticas à abordagem de Quentin Skinner. Para Palti, a intencionalidade defendida por Skinner terminaria por diluir a radical alteridade entre texto e contexto: “el ‘contextualismo’ skinneriano parece, paradójicamente, tornarse prácticamente indistinguible de su contrario; de hecho, terminaría integrándose, *malgré lui*, al movimiento general hacia el textualismo radical” (PALTI, 2012, p. 33).

Em defesa da abordagem de Quentin Skinner para a história das ideias encontramos o posicionamento de José Antonio Vasconcelos, o qual afirmou que Skinner teria consciência de que as intenções de um autor nem sempre corresponderiam aquilo que este de fato escreveu. A proposta de Skinner, com a aplicação da teoria dos atos de fala ao estudo do pensamento político representaria não uma volta a um enfoque interpretativo inocente, anterior à “chegada dos pós-estruturalistas” de David Harlan, mas sim uma terceira via, “de modo a afirmar a historicidade do pensamento político tanto contra a abordagem ahistórica da tendência ‘essencialista’ quanto contra a ahistoricidade ‘empiricista’” (VASCONCELOS, 2005, p. 201).

As colocações de David Harlan, Elías José Palti e José Antonio Vasconcelos evidenciam que a proposta metodológica de Quentin Skinner para a história das ideias acabou revelando fissuras que levaram ao questionamento de algumas de suas proposições iniciais. Uma terceira abordagem para a história das ideias que gostaríamos de apresentar agora seria a de Dominick LaCapra, o qual desenvolveu uma reflexão que trouxe respostas para algumas das críticas sofridas por Quentin Skinner.

A História das Ideias de Dominick LaCapra

Após um período de prestígio que contou com a contribuição dos postulados defendidos por Arthur Lovejoy, a história das ideias conheceu uma fase de declínio nos EUA, vinculado as crescentes dúvidas quanto a sua capacidade para alcançar os objetivos que havia se proposto e pelos métodos considerados aleatórios e pouco científicos. Uma das principais fontes para o questionamento, não apenas na forma de se pensar como trabalhar com a história das ideias, mas na própria forma de se pensar a construção do conhecimento histórico, com impacto nos EUA neste período, foi o *linguistic turn*:

Lo que los anglosajones califican como *linguistic turn* es, por una parte, la importación a tierras americanas de la moda del paradigma estructuralista, que há dominado la escena francesa en los años 1960 y que irradia bastante de prisa sobre los campus americanos desde los años 1970 bajo la denominación de “postestructuralismo”. A esta influencia, completamente externa, de Barthes, de Foucault, de Derrida, viene a añadirse una influencia endógena, la de la filosofía analítica anglosajona, del narrativismo de Arthur Danto, de Louis O. Mink, y del pragmatismo atento a los actos de lenguaje según las teorías de Austin y Searle (DOSSE, 2006, p. 188-189).

Em linhas gerais, nós podemos afirmar que uma das principais contribuições do chamado *linguistic turn* foi a mudança da pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento confiável para a pergunta pelas condições de possibilidade de sentenças intersubjetivamente válidas a respeito do mundo. Isso implicou uma radicalização da crítica do conhecimento, pois a pergunta pela verdade dos juízos válidos passou a ser precedida pela pergunta pelo sentido linguisticamente articulado.

Um importante acontecimento na tentativa de articulação da história social e da história intelectual com os aportes do *linguistic turn* no cenário historiográfico norte-americano foi um colóquio realizado sobre o tema, em abril de 1980, na Universidade Cornell, no Estado de Nova York, sob iniciativa dos historiadores Steven Kaplan e Dominick LaCapra. Para François Dosse, o historiador Dominick LaCapra se apresentou como um defensor do *linguistic turn*, visto como um aporte positivo para trabalhar com textos e “superar la dicotomía clásica entre el punto de vista internalista y el enfoque externalista, gracias a una rearticulación de estas dos dimensiones” (DOSSE, 2006, p. 193).

Um texto de Dominick LaCapra considerado como referência para compreendermos sua proposta para a renovação dos estudos no campo da história

das ideias foi *Repensar a história intelectual e ler textos*, publicado originalmente em 1980. Neste artigo Dominick LaCapra colocou como sua preocupação, no que diz respeito a abordagem da história das ideias, a importância de ler e interpretar os textos complexos e a necessidade de formular o problema da relação destes textos com diversos contextos, acompanhado do questionamento da forma reducionista de interpretação dos textos históricos proveniente do predomínio de uma concepção documentária na compreensão histórica, a qual não estaria restrita ao domínio da história intelectual:

Pero las implicaciones de mi planteamiento se extienden a toda forma de menosprecio extremo del diálogo entre pasado y presente, diálogo que exige una sutil interacción entre proximidad y distancia en la relación del historiador con el “objeto” de estudio. (Esta relación dialógica entre el historiador o el texto histórico y el “objeto” de estudio plantea la cuestión del papel de la selección, el juicio, la estilización, la ironía, la parodia, la autoparodia y la polémica en el uso que el historiador hace del lenguaje; en síntesis, la cuestión de cómo el uso del lenguaje por parte del historiador se dirige a través de factores críticos que no pueden reducirse a la predicación fáctica o la aserción autoral directa sobre la “realidad” histórica) (LACAPRA, 2012, p. 240).

A abordagem dialógica apareceu acompanhada da reflexão sobre a forma de se compreender o que seria o “texto”. Para LaCapra, em princípio se poderia entender o texto como um uso situado da linguagem, marcado por uma tensa interação entre tendências reciprocamente implicadas, mas por momentos contestatórias. Neste caso, a oposição entre o que estaria dentro e o que estaria fora dos textos tornar-se-iam problemáticas: “el problema pasa a ser el de repensar los conceptos de ‘adentro’ y ‘afuera’ en relación con los procesos de interacción entre el lenguaje y el mundo” (LACAPRA, 2012, p. 241). Um dos aspectos mais estimulantes nos estudos sobre textualidade seria a investigação sobre os motivos pelos quais os processos textuais não deveriam ficar confinados dentro dos marcos do livro. O que entendemos como “mundo real” também seria “textualizado” de diversas maneiras. Com isto, a vida social e individual poderia ser compreendida segundo a analogia do texto e implicado em processos textuais:

En la medida en que el historiador o el crítico emplea el lenguaje para efectuar e sa traducción, se enfrenta de manera evidente a la cuestión de la textualidad. En términos más generales, la noción de textualidad sirve para hacer menos dogmático el concepto de realidad al apuntar

al hecho de que uno está “siempre ya” envuelto en problemas de uso del lenguaje en la medida en que intenta obtener una perspectiva crítica sobre ellos, y plantea la cuestión tanto de las posibilidades como de los límites del significado (LACAPRA, 2012, p. 241).

O problema mais geral para LaCapra seria compreender de que maneira se tornaria explícita as relações entre os usos da linguagem e os diversos modos de atividade humana vinculados com processos de significação. Na historiografia o tema estaria voltado para a relação entre a reconstrução documentária e a reconstrução dialógica do passado tendo como objetivo final a elaboração do conhecimento histórico. Para isto Dominick LaCapra fez uso da distinção entre o aspecto documentário e “ser-obra” do texto:

Lo documentario sitúa el texto en términos de dimensiones fácticas o literales que implican la referencia a la realidad empírica y transmiten información sobre ella. El “ser-obra” complementa la realidad empírica con agregados y sustracciones. Implica por lo tanto dimensiones del texto no reductibles a lo documentario, que incluyen de manera preponderante los papeles del compromiso, la interpretación y la imaginación. El ser-obra es crítico y transformador, porque deconstruye y reconstruye lo dado, en un sentido repitiéndolo, pero también trayendo al mundo, en esa variación, modificación o transformación significativa, algo que no existía antes (LACAPRA, 2012, p. 245-246).

A leitura de um texto, sob este viés, se basearia em um diálogo com o “outro”. Um fato seria um fato somente com respeito a um marco de referência que implicaria perguntas que nós faríamos ao passado, o que se distinguiria da atitude de fazer as perguntas “corretas”. Para LaCapra, as perguntas do historiador “se situam em un ‘contexto’ o ‘mundo vivido’ que no puede ser completamente objetivado o plenamente conocido” (LACAPRA, 2012, p. 247).

Uma compreensão da história intelectual como história de textos poderia permitir uma formulação mais convincente dos problemas introduzidos por enfoques já estabelecidos e um intercâmbio mais profícuo com um tipo de história social que relacionasse discurso e instituições. Um destes problemas, na encruzilhada entre o documentário e o dialógico, seria a natureza da relação entre os textos e seus diversos contextos pertinentes. Ao abordar a relação dos textos com os contextos, a investigação deveria converter essa relação em um verdadeiro problema. No caso dos textos complexos, por exemplo, teríamos “un conjunto de contextos interactuantes cuyas relaciones mutuas son variables y problemáticas, y cuya relación con el texto

que se investiga plantea difíciles cuestiones de interpretación” (LACAPRA, 2012, p. 252).

As possibilidades de se relacionar textos com os respectivos contextos foram apresentadas por Dominick LaCapra por meio de seis casos. Em um primeiro teríamos *as relações entre as intenções do autor e o texto*. Por meio da utilização da teoria dos atos de fala se procuraria deduzir nos textos escritos as intenções do autor. Quentin Skinner seria um importante representante dessa abordagem para o estudo dos textos, “sostuvo con vigor que el objeto de la historia intelectual debería ser el estudio de lo que los autores pretendían decir en contextos históricos y situaciones comunicativas diferentes” (LACAPRA, 2012, p. 253). Esta concepção suporia uma relação de propriedade entre o autor e o texto, assim como um significado unitário para uma enunciação.

Um segundo caso seria *a relação entre a vida do autor e o texto*. Este enfoque receberia inspiração na crença de que poderia haver entre a vida do autor e o seu texto relações que inclusive entrariam em contradição com as intenções do próprio autor. O que se buscaria em uma perspectiva psicobiográfica “es la motivación del autor, que éste tal vez conozca sólo parcialmente, y que hasta puede ser inconsciente” (LACAPRA, 2012, p. 256). A tentação desta abordagem seria ver o texto como um sintoma do processo vital, quando a compreensão resultante desta relação não se elaborasse até se converter em uma teoria causal ou interpretativa acabada.

A relação da sociedade com os textos seria o terceiro caso de articulação com um contexto para objetivar uma compreensão dos textos. Para Dominick LaCapra não se poderia analisar a vida individual sem uma referência significativa a sociedade, e vice-versa, algo que o historiador norte-americano procurou pensar mais em termos de natureza social ou sociológica. No caso, não a perspectiva de uma história social que estudaria os usos dos textos para a reconstrução empírica da sociedade passada, “sino desde la perspectiva distintiva de una historia intelectual que explora la relación entre los procesos sociales y la interpretación de los textos” (LACAPRA, 2012, p. 259).

A relação da cultura com os textos representaria a quarta possibilidade de abordagem dos textos na história intelectual. Neste caso, a circulação ou não circulação dos textos entre distintos níveis de cultura constituiria um problema, até

mesmo em como identificar os “níveis” culturais, como aquilo que se denomina “alta” cultura ou cultura “elitista”. Em uma situação se poderia sustentar que a sociedade ou cultura global seria uma unidade demasiada grande e indiferenciada para a investigação da comunidade de discurso mais relevantes para os intelectuais. A escola, o movimento, a rede de associações ou o grupo de referência particular poderiam proporcionar um caminho mais imediato “de supuestos compartidos o consideraciones pertinentes que actúan, tácita o explícitamente, configurando la idea del intelectual sobre las cuestiones y los modos de indagación significativos” (LACAPRA, 2012, p. 268).

A relação do texto com o corpus do escritor seria o quinto caso de relação do texto com o contexto. O que teríamos aqui seria a relação entre um texto e os textos de outros escritores ou os textos do mesmo escritor, pondo em discussão a unidade ou identidade de um *corpus*. Esta discussão poderia ser feito de três maneiras: “continuidad entre textos (‘desarrollo lineal’), discontinuidad entre textos (cambio y hasta ‘ruptura epistemológica’ entre etapas o períodos), y síntesis dialéctica (la última etapa eleva la primera a un nivel más elevado de captación)” (LACAPRA, 2012, p. 275).

Por fim, teríamos *a relação entre modos de discurso e textos*. Para muitos teóricos a escrita e leitura estariam informadas por estruturas ou convenções que deveriam ser o foco primordial, se não exclusivo, do interesse crítico. A obra de Hayden White seria uma referência para essa abordagem:

Hayden White há intentado llegar a un nivel de estructura profunda que socave la oposición entre literatura e historia para revelar de qué manera los modos de elaboración de la trama informan todas las narraciones coherentes y cómo los tropos construyen el campo lingüístico. También señalo que los usos figurativos del lenguaje conectan los niveles de descripción e interpretación o explicación explícita en las narraciones en prosa (LACAPRA, 2012, p. 276).

Após a apresentação das seis possibilidades de relação entre texto e contexto, Dominick LaCapra finalizou afirmando que a reconstrução do passado representaria um esforço importante para todo historiador e uma documentação confiável era um componente crucial para qualquer enfoque que se pretenda histórico. Porém, o predomínio de uma concepção documentária distorceria a maneira de entender tanto a historiografia como o processo histórico. Seria o caso de afirmar que uma

concepção puramente documentária da historiografia seria uma ficção heurística, “porque la descripción nunca es pura, en el sentido de que un hecho es pertinente para una de ellas sólo cuando se lo escoge con referencia a un tópico o cuestión planteados al pasado” (LACAPRA, 2012, p. 282).

Lloyd Kramer analisou a abordagem de Dominick LaCapra ressaltando suas diferenças em relação à proposta de Hayden White para a compreensão dos textos. L. Kramer realçou que LaCapra denunciou em Hayden White o desejo, comum em outros historiadores, de encontrar uma base segura que explicasse o que entendemos por realidade histórica. O empreendimento de Hayden White teria como base os tropos de linguagem, os quais configurariam a escrita histórica, e que traria “o desejo metafísico da presença plena, do significado pleno e da explicação plena” (KRAMER, 1992, p. 139). LaCapra, contudo, se sentiria atraído pela crítica de Derrida, pois este ofereceu um relato mais convincente sobre os textos históricos e a experiência social. Para Derrida, as categorias mediante as quais descrevemos o mundo seriam sempre contestadas por outras tendências que estariam “sempre já” dentro da categoria à qual teoricamente se oporiam. LaCapra teria apreciado esse *insight* derrideano, conhecido como conceito de complementaridade, para evitar a decomposição do mundo em oposições de categorias, desvirtuando a complexidade da experiência e dos textos históricos (KRAMER, 1992).

Para José Antonio Vasconcelos, embora LaCapra tenha reconhecido uma diferença entre textos grandes e pequenos, ele só explorou esta questão de modo incidental em seu trabalho. A ambivalência nos textos, contudo, seria “um motivo pelo qual os textos devem ser lidos de forma dialógica” (VASCONCELOS, 2005, p. 217). Elías José Palti, por sua vez, afirmou que LaCapra concebeu os textos como “processos”, fenômenos pouco estudados de contestação interna pelos quais as redes de significados vão se transformando historicamente. Porém, a explicação de como as “redes de significados” de uma linguagem dada apontadas por LaCapra poderiam entrar em colisão entre si ainda demandaria uma explicação, “la que no puede, sin circularidad, atribuirse a las propias capacidades generativas del lenguaje” (PALTÍ, 2012, p. 86). Em outras palavras, se as transformações que na linguagem se produziam eram o ponto de partida para se pensar realidades não-linguísticas, seria porque, ao mesmo tempo, “éstas son también un punto de llegada de procesos no-linguísticos – procesos [...], en realidad sumamente complejos y que ocurrirían

siempre ‘a nuestras espaldas’” (PALTI, 2012, p. 86). Neste caso, apesar de não ficar imune às críticas, a abordagem de Dominick LaCapra, sendo mais teórica que metodológica, enfatizou os processos interpretativos em torno dos significados dos textos como problemática fundamental para o historiador das ideias refletir sobre sua área de pesquisa.

Considerações finais

No presente artigo procuramos oferecer um breve panorama do debate epistêmico ocorrido no domínio da história das ideias e/ou história intelectual ao longo do século XX. Reconhecemos que no âmbito deste trabalho nossa reflexão ficou restrita aos países de língua inglesa, fundamentalmente Estados Unidos e Inglaterra, e que importantes contribuições ficaram de fora, como a história dos conceitos de Reinhart Koselleck (alemã) e a história conceitual do político de Pierre Rosanvallon (francesa). No entanto, acreditamos que os exemplos que utilizamos apresentam elementos para pensarmos algumas das especificidades no domínio da história das ideias.

Uma das especificidades diz respeito às ideias ou pensamentos como objeto privilegiado de pesquisa por parte do historiador das ideias. Para Arthur Lovejoy estas se constituíam enquanto ideias-unidade que poderiam ser mapeadas ao longo dos séculos em diferentes sociedades, sendo que para Quentin Skinner elas diziam respeito à intencionalidade autoral do autor na obra do autor, amparada por um contextualismo linguístico, e para Dominick LaCapra na relação do componente documentário e do ser-obra dos textos. Uma segunda especificidade está em compreender o objeto do historiador das ideias sob uma perspectiva epistemológica cujo suporte textual, como livros, artigos, jornais ou discursos, constituem como fonte para pesquisa histórica.

Uma terceira especificidade está em pensar o trabalho do historiador das ideias em contato com outras áreas de conhecimento. Arthur Lovejoy procurou discernir o foco do historiador das ideias e do filósofo para garantir ao primeiro uma autonomia disciplinar, mas sem excluir a utilização de material de outras áreas, como a filosofia e a literatura, enquanto Quentin Skinner deu destaque ao diálogo da história das ideias com a ciência política e a reflexão filosófica sobre os atos de fala, e Dominick LaCapra levou em consideração postulados da crítica literária e do

linguistic turn. A quarta especificidade diz respeito ao desenvolvimento de um aporte teórico e metodológico por parte do historiador das ideias que leve em consideração a historicidade do seu objeto de pesquisa, assim como do seu próprio procedimento epistemológico. Neste caso, Arthur Lovejoy voltou-se para a apresentação dos elementos intemporais das ideias, enquanto Quentin Skinner enfocou a necessidade de conhecer o contexto linguístico do desenvolvimento do pensamento dos autores e Dominick LaCapra enfatizou a abordagem dialógica para a produção do conhecimento histórico, o aspecto documentário e ser-obra dos textos e suas relações com diversos contextos pertinentes. Acreditamos que estas considerações ajudam a pensarmos em algumas especificidades da história das ideias para a construção do conhecimento histórico.

Referências Bibliográficas:

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARROS, José D'Assunção. História das ideias – em torno de um domínio historiográfico. **História em reflexão**, v. 02, p. 01-11, jan./jun. 2008.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**. Valencia: PUV, 2006.

FALCON, Francisco. História das ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro, Campus, 1998, p. 91-125.

HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000, p. 17-62.

KRAMER, Lloyd S. literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-173.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intellectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). **Giro lingüístico e historia intellectual**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, p. 237-293.

LOVEJOY, Arthur. **A grande cadeia do ser**. São Paulo: Palíndromo, 2005.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PALTI, Elías José. “Giro linguístico” e historia intelectual. In: PALTI, Elías José (org.). **Giro linguístico e historia intellectual**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, p. 19-167.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. **Prismas**, v. 04, p. 149-191, 2000.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o ‘contextualismo linguístico’ de Quentin Skinner. **Revista de história e estudos culturais**, V. 05, p. 01-19, out./dez. 2008.

VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Recebido em Fevereiro de 2015
Aprovado em Junho de 2015